ANO 7.º—N.º 360. Guimarãis, 1 de Janeiro de 1939. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO. Número avulso 50 ctvs.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A — 1.º e 2.º Andares — Telef. 34. Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranense — Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ANO NOVO

Não há muito ainda que nos diversos e variados relógios da nossa cidade se anunciou, pausadamente, a entrada solene do Novo Ano.

Na meditação da noite de S. Silvestre, que é a primeira vigília do Ano que entra, quantos e quantos se deixaram levar nas asas brandas e infantis da sua imaginação e viram, para além do negrume da noite, coisas que só se vêem naqueles belos contos de fadas que são enlêvo da meninice!

Outros, certamente, quizeram desvendar os mistérios de que veio rodeado o môço 1939 e, segundo a sua fantasia talvez despida daquêle manto diáfano que Eça pôs a cobrir a nudez forte da Verdade, interpretaram a seu modo o tremeluzir das estrêlas, o rumo do vento, a temperatura da noite, tirando de todos êles elementos que reputam seguros para poderem dar seus juízos sôbre o ano que se inicia.

Ainda outros, para não descontentarem nem o Velho nem o Novo, passaram de um para o outro em *pé de dança*... por sua dama.

E' assim a vida nos tempos vertiginosos que vivemos, sem um rumo fixo, sem uma orientação definida, sem uma estrêla luminosa, como a de Belém, a guiar nossos passos para a estrada de Damasco, que se perdeu.

O certo, porém, é que estamos em Ano Novo, no dia 1.º de Janeiro de 1939. Não vamos fazer vaticínios para não termos de repetir o *Deus super omnia* que remata sempre as profecias um tanto ou quanto generosas dos diversos *Seringadores* que mandam vir chuva e sol em determinados dias e dão outras indicações úteis, ou que procuram sê-lo, aos que teem a boa ou má ventura de se guiarem por tais cabeças.

E se *cada cabeça cada sentença*, cá estamos nós também, para, aos nossos prezados leitores, aos dedicados colaboradores, aos valiosos anunciantes e a todos os que nos honram com a sua amizade e com a sua dedicação, desejarmos, bem do fundo de alma, muitas e muitas felicidades nêste Novo Ano, cuja entrada solene foi ainda há pouco anunciada no badalar ritmado e sereno dos diversos e variados relógios desta nossa cidade.

E oxalá, também, que o menino 1939 se não tenha esquecido de trazer, na sua prometedora cornucópia, um plano de realizações sensatas e úteis para a nossa querida Terra.

Em louvor de S. Silvestre e em satisfação do Novo Ano, assim seja!

Vinte Anos!

Depois de vinte anos, Manuel da Rosa voltou à aldeia. Era no Natal. O frio arroxeava as mãos e as faces do homem solitário, e a neve caía, inclemente, dando ao caminho o aspecto duma enorme peça de veludo branco. Habituado ao calor e ao sol exuberante dos trópicos, as narinas fremiam-lhe ao contacto delicioso dêsse estranho e indecifrável aroma que possui o inverno europeu. Parecia-lhe que qualquer coisa desconhecida se elevava da terra e o embriagava e entontecia. E o homem rude, que durante vinte anos lutara na ambição eterna do ouro, que vivera longe do seu país e das suas amizades, que resistira a tantas amarguras e desenganos sem um queixume, sem uma rebeldia, compreendeu, de repente, tôda a heroicidade do seu exílio, tôda a divina tragédia dos que se afastam e conseguem resistir à avalanche que os arrasta de novo para o berço dourado ou para a choupana humilde que os viu nascer!

Manuel da Rosa sentia-se desoladíssimo nessa noite de Natal. Vinte anos! Quem pode avaliar o que são vinte anos para o coração de uma criatura que luta, sem alívio, para obter primeiro o pão e depois a abundância? Quem pode compreender o sacrifício daqueles que afogam os gritos da mocidade exuberante senão os que vivem, também, sacrificados? E Manuel da Rosa, que triunfara, que era agora riquíssimo, tinha na alma a solidão, o desamparo dêsses pobres miseráveis que vegetam, cheios de chagas, pelos caminhos tortuosos da vida. Daria, se pudesse, tôda a fortuna amontoada com tanto sofrimento por um beijo de mulher, pelo abraço de um amigo. Seus pais descansavam, enfim, debaixo duma cruz tôsca de madeira. Os companheiros não o lembravam nem êle se recordava também. As preocupações de tantos anos apagaram-lhe do coração o vestígio das amizades antigas. E, assim, Manuel da Rosa era um isolado, um pequeno rafeiro perdido na floresta enfeitiçada da vida! Anoitecera pouco a pouco e a neve caía lentamente. As luzes apareciam através das vidraças como grandes olhos luminosos. Homens e mulheres passavam apressados, lançando-lhes um olhar curioso e interrogativo. E o homem tinha desejo de pedir-lhes: levem-me comvosco, tenham piedade do meu isolamento! A dôr que o torturava era tão funda que sentiu os olhos marejados de água. E lembrou-se de Deus, dêsse Deus a quem olvidara durante vinte anos e que era, hoje, o festejado. Quem sabe se um milagre seria feito a seu favor? A felicidade podia simpatizar com êle... Reparou na igrejinha humilde que parecia abrir-lhe os braços, chamá-lo para o êxtase da sua cândida ternura. Entrou. A mêdo, como quem entra num lugar desconhecido, sentou-se na parte mais sombria da capela. Não sabia rezar. Mas para que repetir as palavras de tôda a gente? Bastava que deixasse falar o coração. E fê-lo com tanta sinceridade que o Senhor, comovido, resolveu premiá-lo com uma companheira: a Morte.

Beatriz Delgado.

Gazetilha

Cá temos nós mais um ano,
e que não seja tirano
todos assim o queremos.
Mas, francamente, *Menino*,
tu terás aquele tino,
tanto quanto pretendemos?

Não venhas com *brincadeiras*
para não haver canseiras,
delas temos grande pilha,
e de teu irmão, já velho,
nunca sigas o conselho,
nem leias sua *cartilha*.

Sê sempre muito mansinho,
e não te faças mausinho
ao passo que vais crescendo,
já vivemos aos baldões,
cólicas são aos milhões,
é mesmo como estás vendo.

Sendo assim, é bem preciso
que tenhas muito juízo,
e sem a menor tardança,
não no-las faças *cortar*,
deixa a gente *respirar*,
inda nos dura a lembrança.

Muita paz e harmonia
era o que a gente queria,
e que assim seja é bem justo,
pois estamos saturados
de viver sobressaltados,
num grande e contínuo susto.

Mas se te julgas capaz,
empunha a insígnia da paz,
mas não a da velha ideia,
esta assenta como luva.
—Arranja um bom guarda-chuva,
mas de barbas de baleia.

Camara Dão.

Farpas

1939

Esgotada a última areia que anunciou o fim de 1938, já a Ampulheta do tempo se volta para marcar, no seu ritmo certo, o decorrer do ano que se inicia.

E' assim a vida, como é assim o tempo. Areia que se esvai lentamente a marcar um fim para que todos caminhamos inexoràvelmente.

O tempo, êsse como as andorinhas da cantiga que *vão e voltam sempre*, lá continua a ressuscitar todos os anos, com o mesmo cortejo dos seus mêses, das suas estações, dos seus frios ásperos, das suas geadas inclementes, das suas flôres encantadoras, dos seus estios abrasadôres e das horas crepusculares do Outono, cheias de encantamento e de poesia.

O tempo é um pouco igual aos regimens antigos em que a um dobre a finados se sucedia um repique de alegria e de nova esperança: — *Rei morto, Rei posto!* E é assim que ao findar de um Ano, que é Rei do Tempo, novo Rei vai empunhar o seu cetro e corôa, aclamado num vozear infinito de louvores e exclamações entusiásticas, enquanto as salvas do estilo, dadas pelo abrir estrepitoso das garrafas de *champagne*, anunciam o início de um novo reinado que todos aguardam confiadamente.

Já não é assim com a Vida. Essa, como caminheiro errante, lá segue aos baldões da sorte, e se tem, por vezes, a sua Primavera, encantadora de beleza, mocidade das almas que se dilata em sonhos de inatingível grandeza, logo se vê, aqui ou além, assaltada nas encruzilhadas negras de um Destino que encobre sinistramente os horizontes largos que se anteviam e para sempre se perdem irremediàvelmente.

O Tempo transforma-se, dêste modo, num perseguidor e aniqüilador da Vida. Mas por cada vítima do Tempo nova Vida se levanta e se ergue triunfante como David em frente de Golias. E assim a Vida e o Tempo lá caminham a passo, lado a lado, amigos e inimigos de sempre, ambos vencidos e ambos invencíveis, porque ambos serão eternos, enquanto o Mundo fôr Mundo.

Saüdemos, pois, no Novo Ano que se inicia, a nova Esperança que desabrocha e que pode fenecer em novas desilusões e em novos desenganos.

São João das Caldas, Ano Novo de 1939. *X. X.*

Críticas Pequeninas

Quando em estrada, embora larga, vemos dous carros a cruzar-se na sua vertigem de devorar quilómetros, logo nos acantoamos em segurança, levados pelo amor à vida.

Cautela semelhante não tivemos ao ver o cruzar de Joaquim Paço d'Arcos acometendo a nossa Academia e Agostinho de Campos azorragando o Publicista de alevantado carácter.

Paço d'Arcos esqueceu-se de que se dirigia à nossa Academia e o Paladino da Gramática esqueceu-se de que era Académico.

Todos temos esquecimentos na vida. Só os não tem quem não é ninguém.

* * *

Quando Afonso Lopes Vieira discursou na Homenagem recente a José de Figueiredo, ao meio dos primores do seu falar escapou-lhe um *Foi... foi... que deve* onde a gente, reflectindo, vê uma feridinha na velha Gramática.

Felizmente para Lopes Vieira a Academia não censurou o seu discurso.

Feliz Poeta!

* * *

¿E que dizer do formoso número do Natal, do *Notícias* nosso?

Que naquele vasto mar de coisas lindas a lancha ingénua e simplesinha de Jerónimo de Almeida lembrava a luz fagueira da Estrêla de Belém.

Poeta feliz!

G.

Calçado para agasalho!

Basta só saber-se que é anúncio da SAPATARIA LUSO

O Problema da Habitação

Há um artigo no Código Administrativo que manda proceder às vistorias dos prédios que ameacem ruína ou que ofereçam perigo para a saúde pública. E' uma disposição legal que de forma alguma pode ser desprezada, quer se trate do primeiro, quer do segundo caso.

Evidentemente que não deve ser habitado qualquer prédio que ameace ruína, outrotanto acontecendo com referência a outro que ofereça perigo para a saúde pública.

Para evitar as conseqüências de um ou de outro inconveniente, são as Câmaras Municipais obrigadas a nomear as respectivas comissões permanentes, às quais compete — cada uma dentro das atribuïções que por lei lhe são conferidas — proceder a tantas vistorias quantas as necessárias, a-fim-de ser posto de parte o perigo que cada um dos casos pode motivar.

O que resta, portanto, é que as Comissões nomeadas conforme determina o referido Código Administrativo sejam intransigentes na aplicação da justiça, visto que qualquer ocorrência desagradável em virtude de ruína ou de falta de higiene só poderá ser evitada por meio de uma fiscalização que não transija com a possibilidade de *deixar para amanhã o que se pode fazer hoje.*

Há prédios habitados que ameaçam ruína? Há-os, igualmente habitados, que oferecem perigo para a saúde?

Julgo que ninguém contesta o facto de haver de tudo e muito principalmente tratando-se de uma cidade como Guimarãis, onde o problema da habitação ainda não se encontra resolvido como, infelizmente, ainda há tempos se verificou com a transformação do velho Teatro D. Afonso Henriques em Albergue, no qual permaneceram durante prolongados meses muitas famílias, que então ali viveram em trágicas condições não só de higiene como também de moral. E houve necessidade de se recorrer a êsse meio, simplesmente por que não havia onde alojar umas famílias que habitavam uns pobres casebres, cuja demolição se impunha. Foi isto o que a Imprensa narrou e que eu anotei no meu livrinho de apontamentos.

Pois bem: Se o problema da habitação em Guimarãis está ainda longe de uma solução que se possa considerar satisfatória, é mais que certo que as Comissões a que me referi e que a Câmara de Guimarãis já nomeou, tanto devem encontrar prédios em ruínas como prédios que estejam a prejudicar a saúde dos inquilinos, contra o que não deixarão de ser tomadas as devidas e aconselhadas providências, do que resultará maior dificuldade para a solução da crise de habitação.

Sendo assim — como não pode deixar de ser — não se justifica a demolição de prédios dentro de uma cidade onde os mesmos faltam, pois isso iria agravar de uma maneira pavorosa a dificuldade de cada família ter — conforme a sua categoria social — uma habitação apropriada. A demolição de prédios habitados só pode ser justificada quando se verifique que dessa demolição nenhum inconveniente resulta para os respectivos inquilinos. Caso contrário, isto é, quando a população de qualquer terra luta, em parte, com sérias dificuldades com o que diz respeito a habitação, será um êrro de *lesa-humanidade* mandar arrasar casas, êrro que se torna mais grave quando é praticado com a agravante de serem prejudicados melhoramentos de maior urgência, quer começados uns e que devem ser concluídos, quer a começar outros.

Isto, porém, que não quere dizer que qualquer terra — por exemplo a cidade de Guimarãis — não pense em levar a efeito a execução de um plano de urbanização, que deve ser precedido dum estudo ponderado e cuidadoso, adaptando-o ou não ao conjunto de circunstâncias inerentes ao momento presente. Feito isto, ou há oportunidade ou deixa de a haver para êsse plano ser posto em prática, dependendo, portanto, de oportunidade a realização de importantes obras locais, que hoje podem ser consideradas de impossível execução, mas que num futuro mais ou menos próximo pode a sua utilidade não dever ser discutida.

E afinal, tudo o que fica dito anda em volta do problema da habitação na cidade de Guimarãis, onde, presentemente, há necessidade de construir prédios, para mais tarde se poder justificar a demolição de outros.

E, como *a bom entendedor meia palavra basta*, ponto final.

Zé da Aldeia.

ERRATAS

Na precipitação da composição do nosso n.º de Natal, passaram algumas *gralhas*. Assim, no nosso *fundo* dêsse n.º apareceu *e a face da terra é beijada e purificada pelos Amigos* em vez de *e a face da terra é beijada e purificada pelos Anjos*. Depois, em vez de, *Por vezes, é certo, a tristeza revela-se e transmuda as tábuas do Presépio numa Cruz gigantesca*, saiu, *Por vezes, é certo, a tristeza revela-se e as tábuas do Presépio numa cruz gigantesca*, o que não formava bom sentido.

Novo Comandante da G. N. R.

Deve tomar hoje posse do Comando da G. N. R. o distinto oficial sr. Tenente Santos, de Barcelos, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

«EAGLE»

A melhor Gabardine, a mais barata. Perfeito acabamento, côres garantidas.

Escreve-se «Eagle» lê-se Igle e significa a melhor marca.

Gabardines — Sobretudos modernos.

Vendedores exclusivos nesta cidade, **Camisaria Martins e Loja das Camisas**, junto ao Hotel Toural.

A' margem das Festas Nicolinas

Devia realizar-se no dia 5 de Dembro, a exemplo dos anos transactos, a Ceia dos «VELHOS», em que os antigos estudantes de Guimarãis costumam recordar a velha tradição das Festas Nicolinas.

Circunstâncias várias impediram que essa festa de confraternização se realizasse êste ano. Vamos, no entanto, transcrever o **Bando dos Velhos**, que o nosso querido Amigo e Conterrâneo sr. Leão Martins escreveu para ser recitado nessa Ceia, assim como os Sonetos que o também nosso querido Conterrâneo e Amigo sr. Delfim de Guimarãis enviou, para serem lidos na mesma festa:

Bando Escolástico

VELHOS

Que devia ser recitado, em 5 de Dezembro de 1938, pelo académico aposentado — *Luiz Filipe Coelho* —, na Ceia dos «Velhos».

Ainda e sempre ao nosso querido Reitor — ***José Luiz de Pina.***

De lápis, e papel assente nos joelhos,
Resolvi rascunhar um *Bando* para os *Velhos.*
Um *Bando* não é bem — uns versos triviais,
Sem metro e inspiração, e coxos, desiguais...
Vou entregar a pasta e, à volta do acepipe,
Escutai a leitura amêna do Filipe:

*

Precisamos saber (a pregunta é das tais
Que interessam no momento):
— A *Avenida dos Pombais*
Irá denominar-se de *Martins Sarmento?*

Esta interrogação
Tem sua explicação:

Martins Sarmento tem — a *Casa* onde nasceu;
Por conseqüência tem — a *Casa* onde morreu;
Martins Sarmento tem e possui, sem encargo,
Um lindo e pitoresco e inclinado *Largo;*
E, como a estudar *Ele* sempre viveu,
Cónego Zé Maria arranja-lhe um *Liceu;*
Para glorificar seu invulgar talento
Catrapuz —, a Cidade ergue-*Lhe* um *Monumento;*
Martins Sarmento tem a *Sua Sociedade:*
— Arte — Letras — Ciência — orgulho da Cidade;
E por mistério, alfim, do Diabo a-quatro,
Jordão, sem mais aquela, oferece-*Lhe* um *Teatro.*
Sem melindrar o *Mestre* e sem magoar ninguém,
Sarmentise-se tudo, — e tudo fica bem.
Entretanto, não há lembrança a mais humilde
Para o que se chamou *Abade de Tagilde;*
E nem recordação, simples e passageira,
Para o intelectual e sábio *João de Meira;*
E outros e tantos mais — nomes enriquecidos,
Na poeira esquecidos...

*

Causais-nos decepção
Retretes do Jardim — uma obra imortal —;
Em menos tempo fez-se o *Teatro Jordão,*
E *obrar* de mais, — faz mal...

*

Há *luz* ou não há *luz* — *camarária* ou *jordiana* —,
A preço reduzido e sem meter catana?
Luz que nos ilumine e nos dê aconchego;
Luz a mais divinal que faça ver um cego,
Tão precisa como o pão; luz forte, abençoada,
Que tire a escuridão... Eu já não vejo nada,
Nesta época livre, em pernas e decotes...
Venha luz, muita luz a jorros e a potes!...

*

Se tu ainda não viste, a sério, um terremoto,
Como em mil setecentos cincoenta e cinco,
E se és crente e devoto
(Cá por mim não brinco),
E sem gastares uns *pingos,*
Dirige-te à *igreja,* ali, de *S. Domingos.*
Aprecia e verás:
— Mais nítido e melhor tu não encontrarás...

*

O *Campo de Aviação* num monte de Azurém,
Valoriza o concelho, e a cidade também.
Medido e calcurriado e feito o esqueleto,
Guimarãis englobou a si mais um projecto...

*

Paço dos Duques de Bragança — vai ficar
Maravilhosa maravilha das mais belas!
Depois de restaurado, o povo vai contar
Mil e uma janelas...
Conforme documento, há pouco descoberto,
Pelo nosso erudito e amigo Padre Alberto.

*

No burgo, a *Comissão Estética, em férias,*
Fez obras de louvor, fez coisas muito sérias.
Sucesso sem igual! Saudades que deixou,
Tal o valor e a *real manta* que pintou...

*

No *Duplo Centenário,* a rica Guimarãis
Vai ser a capital da Lusa por três dias.
Legisla e faz cumprir. Recebe os parabéns,
O Corpo Diplomático, e flor's, fantasias...
Ela transformar-se-á em *Côrtes de Lamego.*
Um delírio real! O Zé ver-se-á tão grego
Que, para a descrever — tal a riqueza e brilho, —
E' preciso inventar um segundo Castilho.

*

As lindas tradições, as praxes de estudantes,
— Tristeza! — já não são como as que eram dantes!
Os novatos de agora — os que de agora são, —
Degolam o Estatuto a golpes de formão.
E num tal salsifré, ao som dumas cantigas,
Introduzem na Dansa airosas raparigas.
Ora, não se tolera, isto não se acredita;
A continuar o abuso a gente grita, grita,
Protestaremos tanto, arremessando o gôrro,
Que o Santo Nicolau prestarnos-á socorro,
Dizendo em alta voz, sincero, mas cruel:
— «Quem não quiser ser lobo, não lhe vista a pele».

*

Mais uma vez, aqui, alegres e contentes,
Vamos falar de alguns que à mêsa são presentes:

Ou é da minha vista — eu já não sou menino —
Mocidade perene invejo-a ao *Adelino;*
De cada vez mais novo, amoroso e mais franco,
Não mostra, olhai-o bem, um só cabelo branco!

Mas há outro ainda — um velho de sessenta —
(Não faço calembur),
Vende saúde a copo e jóvem se apresenta...
— Como arranjas tu isso, ó bom *João Artur?*

E tu, velho *Lapinha,* hábil empreendedor,
Como é que vai você da tal *ursa maior?*
Não faças caso e *deixe,* o que fôr se verá.
Minino, no seu mal, hoje, não cismará.

O *Manuel Joaquim,* formado em cinegética,
Que nunca transgrediu ordens dos superiores,
— E' pessoa amantética,
Satanaz, ferrabraz de muitos caçadores! —

Invejo, porque não? a barriga burguesa
— Sabeis que não vos minto, —
Que dia a dia alastra e cresce, à portuguesa,
Do *Doutor José Pinto.*

Ouço rumor's p'rá 'i. Pessoa de prestígio?
Reclama dois *bijous*? e gesticula e fala?
Já sei, já descobri. O *malandro* do *Aprígio*
A interromper, alegre, a *ceia* nesta sala.

O nosso *Doutor Chico,* à falta de emissôra,
No *Café Oriental,*
Montou *rádio-fonia,* e boa, a qualquer hora,
Como não há igual...
E assim prende a atenção de gregos e troianos,
Com variado programa e numerosos planos.

Repararam vocês (não tenho êsse costume,
O que fácil se prova),
No constante, permanente e franco azedume
Que traz o *Tónio Pina,* — o da *Sedra Nova?*

Do *Mário Dias* sei: na sua especialidade
Trata de qualquer mal co'a m'or benignidade...

Canço-me de escutar o *Alves de Oliveira,*
Amigo dos leais:
— E' capaz de fazer secar uma figueira
Em cálculos *integrais...*

Jerónimo Sampaio, o caro sonhador,
Recorda com saüdade
O tempo de estudante em que foi detentor;
Soube, como nenhum, gosar a mocidade...
Bons tempos êsses, velho. Ouve, cá para nós:
— Porque não adquires um ou dois chinós?
Usou-os o *Garrett.* Isto vem-me à lembrança
De quando eras menino e tinhas loira trança!

Se alguem tiver preocupações das mais pequenas,
De ninharias tais que saltam à memória,
Por exemplo: saber quem tem o *doble-senas,*
Ou se ganhou o *Vitória...*
Gasta pouco dinheiro,
Procure, sem tardança, o *Porfírio Ribeiro.*

Pregunto, com a bréca:
— Já sabe *Alberto Abreu* jogar bem a suéca?

Luciano Guimarãis, um bravo rufador
Já tem competidor:
— E' o *Artur Couto,* de baquêta, assim, em riste,
Ao rufar em qualquer futrica, não resiste...

Dos *Chaves* cito, aqui, o famoso *Fernando,*
Na boémia coimbrã manteve alto comando;
E o *Chico,* seu irmão, cujo passado atesta
Nicolino de truz e entusiásta da *Festa!*

O *Antonino,* fininho, um deus, um demiurgo,
Pião das nicas, sim, da gente cá do burgo,
No *chegou...* e *partiu... fêz anos... deu à luz...*
Resta crucificá-lo, apenas, numa cruz!...

E, para terminar, é justo que destaque
O *Mestre Zé de Pina* — o nosso bom *Reitor* —;
Inimigo do côco, e ainda mais do fraque,
Sábio e *Artista* — olhai — não se encontra melhor,
Pelo valor, pela bondade, por seus conselhos,
Pela paciência que tem de aturar êstes *velhos...*

Pôrto, 5 de Dezembro de 1938. LEÃO MARTINS.

NUM SONETO... DOIS BRINDES

Velhos:
ergamos as canecas (nossas taças)
Onde o **verde** borbulha e faz **laço** vistoso...
E assim todos de pé, mais firmes do que praças,
Brindemos por Sampaio, o **Velho** mais idoso...

Outro brinde vos peço, e p'ra animar as *massas,*
Antes do gole entrar rascante e volumoso,
Que estoirem nesta mêsa as bombas de mil graças
Da bôca do Aprígio em **francin** jocoso...

Mas não... Já agora haja um ponto de acalmia.
Nós sômos hoje, aqui, a **Velha Academia,**
Os arautos fiéis da **Festa Nicolina...**

Velhos:
brindemos, pois, ao **Velho** presidente,
Ao nosso professor bondoso, inteligente,
Ao nobre coração do **Velho Zé de Pina.**

A-PROPÓSITO DE...

Que mais querem de nós!?... Que mais!?... Demos-lhe tudo,
A vida, a mocidade, às **Festas — que são nossas!...** —
E êles que nos dão?... Momices dum entrudo,
Esgar's de pretalhões de catingueiras roças...

Que se torne o jogral inacessível, mudo,
E esmague no seu *caco* a estupidez das troças...
Arranque do seu corpo esquálido e peludo
Os guizos bimbalhões de sórdidas palhoças...

A Festa é nossa! E não de bobos, arlequins,
De insípidos bébés, papinhos, alfenins!...
Não a pode reger um néscio ou um maráu...

Não pode mandar nela a língua brouca, acerba...
A Festa quem a anima é o braço de **Minerva**
E manda nela um só, um só, que é **Nicolau!**

Dezembro de 1938. DELFIM DE GUIMARÃIS.

BRASIL

Secção de Procuradoria da Casa Bancária

CUPERTINO DE MIRANDA & C.ª

SÉDE: — Rua Sá da Bandeira, 56 — PORTO

A mais perfeita organização de serviços de administração de bens em todos os Estados do Brasil. Compra e venda de prédios e papéis de crédito; cobranças de alugueis, juros e dividendos; hipotécas, inventários e liquidação de heranças.

Comissões extremamente reduzidas. — Transferências rápidas.

DELEGADOS EM: — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Bahia, Pará, Pernambuco, etc.

(133)

O NATAL
dos nossos pobrezinho

Transporte . . .	3.574$50
Anónima	5$00
D. Albina Quadros Flores	2$50
Dr. Raúl Alves da Cunha	20$00
Aníbal Dias Pereira	5$00
General Ferreira Martins (Lisboa).	10$00
José Lopes Guimarãis (Luso)	20$00
Capitão Duarte Fraga	5$00
Alberto da Silva Caldas (S. Paulo).	200$00 *(a)*
Joaquim Lopes Martins (Pôrto)	10$00
Dr. José Maria de Castro Ferreira.	10$00
José Armindo	5$00
A transportar . . .	3.867$00

(a) O nossso querido Conterrâneo e Amigo, sr. Alberto da Silva Caldas, residente em S. Paulo (Brasil), fêz acompanhar o cheque da importância de 200$00, com que se dignou subscrever para o Natal dos nossos Pobrezinhos, de uma carta em que louva a nossa iniciativa e nos deseja um ano repleto de prosperidades.

Diz-nos, também, para que com o seu donativo contemplemos de preferência pessoas que se encontrem tuberculosas.

Vamos procurar interpretar tanto quanto possível os desejos do nosso querido amigo a quem agradecemos o gesto humanitário, ao mesmo tempo que agradecemos e retribuímos os seus cumprimentos de boas festas.

A distribuïção das esmolas fêz-se na véspera de Natal, na nossa redacção, à excepção da parte correspondente aos donativos que depois foram recebidos.

No próximo número publicaremos a nota das esmolas distribuídas, podendo as pessoas que desejem verificar na administração do nosso jornal a documentação relativa à distribuïção que fizemos.

Desde já cumpre-nos o dever de agradecer a tôdas as pessoas, e tantas elas foram, que acorreram ao nosso apêlo, trazendo-nos os seus donativos, os quais atingiram a importante soma de escs. 3.867$00.

A todos os nossos bons amigos, aos de perto e aos de longe, aqui testemunhamos, em nome de tantos pobrezinhos contemplados, a nossa gratidão.

D. MARIA DO CARMO PINTO DIAS DE CASTRO

MISSA DO 30.º DIA

Comemorando o 30.º dia do falecimento da saüdosa D. Maria do Carmo Pinto Dias de Castro, sua família manda celebrar àmanhã, às 10 horas, na igreja da Misericórdia uma missa, o que participa por êste meio a tôdas as pessoas das suas relações e amizade, agradecendo antecipadamente a sua comparência ao piedoso acto.

Guimarãis, 1 de Janeiro de 1939.

O número de Natal do Notícias de Guimarãis

Causou a mais agradável impressão — o que nos apraz registar — o aparecimento do número de Natal do nosso jornal, tendo vários amigos nossos vindo felicitar-nos dirigindo-nos palavras que muito nos sensibilizaram. Alguns colegas referiram-se ao facto em termos que aqui vamos deixar arquivados:

"*Notícias de Guimarãis*„

«Recebemos o n.º 359 dêste prezado confrade vimaranense, de que é director o nosso estimado camarada, sr. Antonino Dias Pinto de Castro. E' um número alusivo ao Natal, com primorosa colaboração de Américo Durão, M. S. M., X. X., Zé da Aldeia, Mary Cotta, Jerónimo de Almeida Alberto de Macedo, J. Gualberto de Freitas, Delfim de Guimarãis, Salvador Dantas, Rui de Lucena, Soeiro da Costa, Júlio Damas, P.e Alberto Gonçalves, Camara Dão, G., Francisco António, etc. Capa esplêndida.

Número valioso.

Muitas prosperidades».

(Do *Jornal de Notícias* do Pôrto).

"*Notícias de Guimarãis*„

«Este excelente semanário regionalista publicou, no dia 25 do corrente, mais um magnífico número especial, com variada colaboração e bom aspecto gráfico.

Na capa, impressa em bom papel, vê-se um lindo desenho de António Lima.

E' êste mais um triúnfo alcançado pelo brilhante semanário, o qual muito honra o seu abnegado director sr. Antonino Dias Pinto de Castro, a quem felicitamos.

A confecção técnica dêste número, é da acreditada «Tipografia Minerva Vimaranense».

(Do *Correio do Minho* — «Carta de Guimarãis»).

A todos os nossos maiores agradecimentos.

Vende-se uma bancada e duas cadeiras para barbeiro. Vêr e falar, rua 5 de Outubro, 12, Guimarãis. *(207)*

Dos Livros. Dos Jornais.

Humanidade (número de Natal) — Saíu o n.º 90 — SUMÁRIO: «Natal», por P. B.; «História Eterna», por Mercedes Blasco; «Instituto Britânico, Eugénio d'Ors», por A. Aurélio Gonçalves; «A página 8 ou a velhice dos novos», por Tomaz Ribeiro Colaço; «Arte Indígena em Moçambique», por Julião Quintinha; «Extremo Oriente», por Paulo Braga; «Lutemos contra a tuberculose» (entrevista com o prof. dr. Bissaya Barreto), pelo dr. Celestino Gomes; «Sinfonia do Natal», por Rebelo de Bettencourt; «O último Natal na terra de Malam», por A. Emílio Gomes; «O Natal em Africa», por J. Martins Lopes; «Saúdade Negra», por A. Ferreira e Castro; «O Teatro e o Império» (entrevista com Maria Matos), por P. A.; «Cinema — Max Mosseck», por Mota da Costa; «Tardes de Africa» (poesia), por Natércia Freire; «Colónias Estrangeiras», Inconvenientes Racistas», por M. S. Doria; «O Natal em Lisboa» (página gráfica) — «Actualidades Gráficas» (2 páginas gráficas) — «Damas, Xadrez, Filatélia, Vida Metropolitana, Vida Ultramarina» — «Dantzig», a «Cidade Livre», «Funcionários do Ultramar», «Uma Lacuna no Programa dos Centenários», «Divisão Administrativa da Guiné», «Os serviços Aéreos da Guiné», «Concurso de Geografia e História Coloniais», «Noticiário», «Gravuras de Actualidades», etc., «Capas» de Manuel Lima, em tricromia.

A Capa do nosso número de Natal

António Lima foi feliz e fêz brilhar o nosso jornal que se orgulha de ter apresentado um número de Natal magnífico, como o disseram numerosas pessoas que vieram apresentar-nos felicitações ou nos deram por escrito as suas impressões.

Está pois de parabéns o Artista, autor da Capa do nosso número de Natal, a quem apresentamos, pùblicamente, o nosso reconhecimento.

BATA

Botas altas e galochas de borracha da Techecoeslováquia, confirmada pelos Ex.mos Clientes a melhor marca do mundo.

Chegou nova remessa à

(203) **SAPATARIA LUSO**

Crónica de Vizela

Uma vez por outra.

A CALÚNIA

O velho prolóquio de "não faças mal ao visinho que o teu vem pelo caminho„, tem na sua vida prática, em geral, realização.

Uma das mais perniciosas misérias de que, infelizmente, a humanidade, vê o seu bem estar perturbado, é a calúnia.

A calúnia é a baixeza, o atrofiamento moral e intelectual; a cobardia personificada na arte miserável e infame de amesquinhar e pôr fóra do conceito dos homens, qualquer pessoa que, quantas vezes abriga na sua alma sentimentos nobres e puros. A calúnia vai na sombra, é anónima, porque o caluniador não tem coragem bastante para frente a frente a proferir.

E, quantas vezes, o concubino da calúnia, o anónimo, sente, na sua consciência, os rebates do remorso...

O caluniador é uma aberração moral e psicológica; é o responsável, quantas vezes, da desagregação da família; é um envilecido, um exuvalhado, de pus da sua podridão moral, de lama do charco em que chafurda. E' o assassino que em noite escura fére traiçoeiramente; é o envenenador lento mas responsável.

O caluniador é o espelho da sua alma; emporcalha os outros com o escremento do seu monturo; conduz o inocente ao cadafalso. Tem o prazer de amesquinhar e prejudicar a vida do seu semelhante, sem ter a preocupação de analisar e corrigir a própria. Foi de todos os tempos a calúnia mas tem-se acentuado muito mais no século da luz científico, e, da treva moral.

O século passado, a-pesar-de ser o mais influenciado pela filosofia revolucionária francesa, foi mais estacionário e mais puro do que êste infeliz que ainda tem 62 anos de vida. A sociedade de outrora era mais pura, mais nobre, mais leal, mais honrada e caridosa. A sociedade de hoje é como F. X. no seu livro "*Emmanuel*„ muito bem diz, e, que, com a devida vénia tracscrevo: — "Desalentadoras são as caracteristicas da sociedade moderna, porque, na colectividade se orgulha dos seus progressos fisicos o homem se encontra, moralmente muito distanciado dessa evolução. Semelhante anomalia é a consequência inevitável da ignorância das criaturas, com respeito à sua própria natureza, desconhecimento deplorável que as incita a todos os desvios. Vivendo apenas entre as coisas relativas à matéria, submergem nas superficialidades prejudiciais ao seu avanço espiritual. Ignoram, quási que totalmente, o que sejam as suas fôrças latentes e as suas possibilidades infinitas, adormecendo ao canto embalador dos gozos falsos do "eu pessoal„ e apenas os sofrimentos e as dificuldades as obrigam a despertar para a existência espiritual, na qual reconhecem quanta alegria dimana do exercicio do Bem e da prática da virtude, entre as santas lições da verdadeira fraternidade.„

. . . . . .

Fácil, é conhecer o caluniador. Quando êle nos fala, faça-se um pequeno exame ao seu passado e presente, e, do resultado, estaleça-se um confronto entre êste e o caluniado.

E, por Vizela, para mal dos vizelenses, e da sociedade, vegetam, infelizmente, alguns — (felizmente o número não é grande) — dêsses seres anormais.

. . . . . .

Há 50 anos, esta aldeia poética e simples do Bráulio Caldas, era mais sã e mais moral. A propósito da calúnia, e, para dar a esta crónica um outro sabor, vou relatar, em resumo, tal qual ouvi uma destas noites frígidas de Dezembro, um caso verídico, e, interessante. Omito simplesmente, não porque ofenda o bom nome, a honradez e o caracter impoluto de quem tal fêz, mas sim para não ferir susceptibilidades ou chamar à liça nomes de pessoas que a morte para sempre já emudeceu, aliás uma das mais dignas e ilustres famílias de Vizela.

Demais, até como exemplo, devia publicar os nomes.

O sr. J. trazia um trôlha em sua casa a trabalhar. Terminado o consêrto, em quartos que só temporàriamente eram ocupados, o sr. J. deu por falta de uns cobertores. Ora, como só o operário X. é que tinha lá entrado, logo, só êle e mais ninguém, tinha sido o autor da proeza.

Não fêz espavento, mas, sem profundar o caso, foi dizendo às pessoas intimas que X. tinha feito tal e tal. Claro está que constou, alastrou a má nova com mais rapidez do que a boa, e o desventurado operário começou a sentir os efeitos, pois a freguesia e os amigos voltavam-lhe as costas. Passado pouco tempo, o sr. J. veio a saber, ao certo, que o autor do roubo fôra um almocreve que por lá passara e que aproveitando a oportunidade, sorripiou artìsticamente os tais cobertores. O bom do sr. J. como na terra não havia jornal, manda resar uma missa, com sermão a versar sôbre a calúnia, e, ao meio, com a voz a tremer, a respeitável barba branca pejada de lágrimas, alto e bom som diz:

— Eu peço perdão ao sr. X. de o ter caluniado num roubo de cobertores. Não foi êle que tal cometeu, mas sim um almocreve que passou pela nossa terra. Portanto, peço-lhe, por Deus, que me perdôe!...

A assistência, numerosa, em pêso a chorar, e, caluniador e caluniado reconciliados num fraternal abraço. Há, ainda, em Vizela, velhos que se recordam saüdosa e respeitosamente desta lapidar acção do honrado e generoso sr. J.

Bela alma, bom tempo.

Mas isto foi ainda no século 19.º. Hoje, iria mais um pouco longe...

Seria o descrédito, alguma sessão de pancadaria e uma estadia com todos os vencimentos em quarto especial do Hotel dos Quadrados.

*

Está em agonia o sinistro e trágico 38. Que o seu descendente 39, seja para todos mais benévolo, meigo e pacífico que o seu antecessor. Que afaste o frio, a fome, a peste, e, nos traga a fartura, a felicidade, a saúde e muito em especial a paz entre os povos, é o que do coração a todos deseja o

Júlio Damas.

da cidade

Diversas Notícias

Desastre de viação

O desastre deu-se no dia de Natal ao fim da tarde, por volta das 17 horas, no lugar de Espinhal, na estrada n.º 27, da freguesia de S. Miguel das Caldas (Vizela). A moto «Indian» 15-53 TT em que vinham montados Manuel Pinto, solteiro, de 27 anos de idade, industrial, morador no lugar das Lagôas da freguesia de Santo Adrião de Vizela, Concelho de Felgueiras, qua a guiava, e Adrião Gomes, casado, de 38 anos de idade, armador, morador no lugar de Frades da freguesia de S. Miguel das Caldas (Vizela) devido a excesso de velocidade, foi de encontro a um suporte do telégrafo, derrubando-o. Do violento embate resultou ficarem gravemente feridos os dois passageiros que momentos depois foram conduzidos em carros ligeiros para o Hospital da Misericórdia desta cidade, onde compareceram imediatamente, prestando-lhes os necessários socorros, os distintos médicos daquêle estabelecimento hospitalar, srs. drs. João de Almeida, Alberto Ribeiro de Faria e Alberto Milhão. Devido à gravidade dos ferimentos recebidos o Manuel Pinto veio a falecer, ali, por volta da meia noite e o Adrião Gomes ficou internado em estado grave.

O Manuel Pinto, era irmão do distinto médico, snr. Dr. António Pinto que compareceu no Hospital da Misericórdia desta cidade, logo que teve conhecimento da ocorrência e que ali se conservou a coadjuvar os seus colegas, prestando socorros aos feridos.

Ambos os passageiros da moto no momento do desastre iam de regresso a suas casas e haviam ido a uma romaria à freguesia de S. Martinho do Conde.

O funeral do Manuel Pinto realizou-se para as Caldas de Vizela.

Misericórdia de Guimarãis

Benemerência

Continuando um costume tradicional, a Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarãis ofereceu para o Hospital Geral de Santo António, magníficas fazendas no valor de esc. 10.000$; a firma Bento dos Santos Costa & C.ª, Lt.ª 1.000$; a ex.ma Condessa de Margaride 40 duplos decalitros de milho; Francisco Inácio da Cunha Guimarãis, 50$00 e João Eduardo Alves Lemos, 50$00, para despesas correntes.

Gestos dêstes são dignos de todo o louvor.

Operações

Em quarto particular do Hospital Geral de Santo António está a ex.ma sr.ª D. Maria José da Silva e Sousa, espôsa do sr. António José de Sousa, que foi operada pelo ex.mo sr. dr. João de Almeida, distinto cirurgião da cidade do Pôrto, auxiliado pelos ex.mos srs. drs. João António de Almeida Júnior e Alberto Milhão.

— No Hospital da Misericórdia foi operado pelo distinto especialista de oto-rino-larangologia Dr. Jaime de Magalhãis, o nosso querido Amigo e Ilustre Colaborador, Sr. Dr. Américo Durão, que já entrou em vias de franco restabelecimento.

Pelo mesmo médico foram feitas outras operações da especialidade, aos filhos dos srs. Amadeu da Costa Carvalho, Camilo Laranjeiro dos Reis, Joaquim de Azevedo, José Fernandes Martins, Fernando Ramos e outras pessoas.

Todos ficaram bem.

Agressão à navalhada

No lugar de Sá, freguesia de S. Jorge de Selho, Pevidem, pelas 19 horas do dia 26, foi agredido à navalhada, Joaquim de Freitas Roriz, de 26 anos, casado, picheleiro, morador no lugar do Agouro, da mesma freguesia, por Agostinho Mendes, o «Valete», de 23 anos, solteiro, tecelão, morador no lugar de Costeiras, da referida freguesia.

O ferido que apresentava ferimentos na cabeça, pescoço e braço esquerdo foi conduzido em automóvel, ao Hospital da Misericórdia, onde foi pensado, recolhendo, depois a casa.

O agressor, após o crime, poz-se em fuga.

O caso foi tratado pela G. N. R. que já enviou ao tribunal o respectivo processo.

Nova Cantina Escolar

Dentro de breves dias será inaugurada solenemente a Cantina Escolar Dr. Ferreira Marques, anexa às escolas primárias de S. Martinho de Sande, para cujo acto vão ser convidadas as autoridades locais e outras pessoas de representação.

Lactário Municipal

Na véspera do Natal procedeu se, na forma dos anos anteriores, no Lactário Municipal, instalado na Casa dos Pobres, à distribuição de enxovais às 33 crianças que, presentemente, são protegidas por esta tão simpática instituição fundada pela Câmara Municipal e por iniciativa do digno Vereador da Higiene e Director do Lactário, sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira.

Ao acto assistiram àlém daquêle nosso prezado amigo o sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Ilustre Vereador da Cultura, que representava a Câmara Municipal, e outras pessoas.

Os enxovais que foram distribuídos às criancinhas eram constituídos por: 2 chambres, 2 vestidos, 2 camisolas e 2 cobertores.

Para esta distribuição muito contribuíram, oferecendo peças de pano, etc., os srs. António José Pereira de Lima, João Pereira Mendes, Celestino Lobo e outras pessoas.

Merecem louvores todos quantos teem contribuído para sustentar esta magnifica obra de assistência às criancinhas pobres, e dum modo especial, sem desprimor para quaisquer outras pessoas, o sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira, que ao serviço do Lactário tem posto o melhor da sua boa vontade e da sua inteligência.

A Festa da «Consoada»

Mais uma vez e a exemplo duma tradição muitas vezes secular, se realizou na véspera do Natal, no Albergue de S Crispim, a Ceia de Consoada dos Pobresinhos, tendo-se abeirado da mêsa muitas centenas de desprotegidos da sorte, aos quais foi servida uma refeição abundante e bem confeccionada. O recinto estava lindamente adornado e iluminado, tendo sido grande o número de pessoas que ali foram admirar e bendizer tão magnífico quadro de Caridade e Amor pelo nosso próximo.

A Ceia começou às 5 horas da tarde, tendo-se procedido logo no início ao descerramento do retrato do benemérito sr. Albano de Sousa Guise, uma das pessoas que mais tem contribuído para aquela interessantíssima festa, motivo porque foi bem merecida aquela homenagem, à qual gostosamente nos associamos.

A Ceia prolongou-se até perto das 11 horas do referido dia, predominando sempre a maior alegria.

Sorteio adiado

Comunica-nos a Comissão de Bombeiros promotora do sorteio de uma bicicleta a favor da compra de uma carrosserie para a Corporação desta Cidade, que o referido sorteio ficou adiado, por motivos de fôrça maior, para a lotaria de Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, de Santo António de 1939.

Creche de S. Francisco

Ainda em comemoração das Festas do Natal e alargando um pouco mais a sua acção beneficente, muito louvável, o nosso querido Conterrâneo e Amigo sr. Albano de Sousa Guise, residente no Rio de Janeiro, telefonou no dia de Natal a sua família, tendo encarregado seu irmão, o também nosso prezado amigo snr. Manuel de Sousa Guise, de entregar à Creche da V. O. T. de S. Francisco, o donativo de 500$00.

E' mais um gesto digno de louvor, praticado por quem não esquece a Sua Terra nem os seus pobrezinhos.

Bem haja, pois.

Vida Católica

Festividade do Menino Deus — Decorreu com muita imponência as festividades em honra do Menino Deus, realizadas em diversas igrejas e capelas da Cidade e das freguesias circunvizinhas, tendo-se ouvido na manhã de domingo o toque alegre dos sinos dos campanários e o estralejar de muitos foguetes.

V. O. T. de S. Francisco — Toma hoje posse a nova mêsa da V. O. T. de S. Francisco, recentemente eleita, como noticiamos.

Asilo de Santa Estefânia — Nesta Casa de Beneficência teem estado em exposição, conforme já noticiamos, os trabalhos das educandas, que teem sido muito apreciados por elevado número de pessoas que ali teem ido para tal fim.

São portanto dignas de louvores as pessoas que se encontram a dirigir o modelar estabelecimento de beneficência.

Cumprimentos de Boas-Festas

Enviaram-nos cartões de Boas-Festas mais os seguintes nossos prezados amigos, aos quais gostosamente retribuímos, com o desejo de um ano repleto de prosperidades:

General Ferreira Martins, de Lisboa, Alberto da Silva Caldas, dê S. Panlo (Brazil); D. Maria Alcina Peixoto dos Santos, André Martins dos Santos, Manuel Abílio Penetra Fernandes Ruivo, do Porto, José Henrique Pereira da Costa Pires, Tesoureiro da Fazenda Pública, de Pombal; Grupo Charadístico «Os Alegres», de Lisboa; Tenente José António de Matos Júnior, de Fafe, Damião de Sousa Oliveira, Vasco Botelho do Amaral, Professor do Ensino particular Liceal, de Lisboa, Francisco Armindo Pereira da Costa, de Aveiro; Casa Sousa, de António Branco Ribeiro de Sousa, do Pôrto; Toureiro Luciano Moreira, de Lisboa, etc., etc.

Também diversos amigos nossos vieram pessoalmente à nossa redacção apresentar-nos cumprimentos de Boas-Festas, que retribuímos igualmente.

Espectáculos

E' no dia 30 de Janeiro próximo e não, como por lapso dissemos em 30 de Dezembro findo, que se realiza no Teatro Martins Sarmento, o espectáculo promovido pela Juventude Escolar Católica.

— No próximo mês de Fevereiro deve visitar esta cidade o Orfeão Académico de Coimbra, que se fará ouvir no Teatro Martins Sarmento, tendo estado já em Guimarãis, a tratar de assuntos que se prendem com esta visita o sr. dr. Raposo Marques.

— Conforme já noticiamos deve visitar esta cidade no próximo dia 13, o Grupo Cómico e Musical da Academia de Braga, que no Teatro Martins Sarmento levará a efeito um atraente Sarau com um vasto e interessante programa.

Dando as Boas-Festas

Visitou-nos na quinta-feira à noite o grupo «Os Amigos da Cidade» que nos veio dar as Boas Festas e que nos dias 5 e 6 percorrerá diversas casas da Cidade e o Teatro Martins Sarmento, cantando os «Reis».

Este grupo, organização do sr. Abraão Pereira, apresenta êste ano uma interessante crítica aos melhoramentos citadinos, sendo a letra da autoria do sr. José Armindo.

Tomam parte diversos componentes do mesmo popular grupo, com trajes apropriados.

Alguns problemas do ano que findou são postos em foco, estando a letra adaptada a músicas conhecidas.

Agradecemos a visita e desejamos ao grupo muitas felicidades.

Legião Portuguesa

O Delegado Concelhio, interino, do Batalhão n.º 13 da Legião Portuguesa, nomeou a comissão abaixo designada para proceder à revisão do alistamento dos legionários inscritos no mesmo batalhão: — António da Costa Guimarãis, comandante da Secção; Umberto Guimarãis Pinheiro, Domingos Leite de Castro, Manuel Pereira Mendes, Joaquim Carvalho Ribeiro e Francisco Martins Ramos, legionários.

Transfusão de sangue

O sr. Domingos Mendes Fernandes acaba de dar o seu sangue pela segunda vez, a uma senhora do Pevidém, que se encontrava em perigo de vida. Com bastante êxito foi feita a transfusão pelos distintos clínicos srs. drs. Alberto Milhão, desta cidade, e Manuel Melo, do Pevidém, tendo sido utilizado, para tal fim, o aparelho que a nossa Santa Casa da Misericórdia possue.

Boletim Elegante

Partidas e chegadas

Capitão Mário Cardoso — *Parte por estes dias para Lisboa, onde vai concluir o tirocínio para Major, o nosso prezado amigo e ilustre Presidente da Sociedade Martins Sarmento, sr. Capitão Mário Cardoso.*

Delfim de Guimarãis — *Tivemos o prazer de abraçar no domingo, na nossa redacção, o nosso querido amigo e distinto Colaborador, sr. Delfim de Guimarãis, que veio passar o dia de Natal junto de sua veneranda Mãi.*

*

Além de muitos outros nossos amigos vimos em Guimarãis, a passarem as festas de Natal, os srs. Coronel Luiz Pereira Loureiro e Lino Teixeira de Carvalho.

— Deu-nos há dias o prazer da sua visita o nosso querido amigo e ilustre Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal Administrativo sr. Dr. Raúl Alves da Cunha.

— Esteve uns dias em Monsul, Póvoa de Lanhoso, tendo já regressado a esta cidade, o nosso querido amigo e ilustre Colaborador sr. P.e Domingos José da Costa Araújo.

— Com sua dedicada espôsa e filhinha regressa hoje ao Pôrto o nosso prezado amigo sr. José Maria da Mota Freitas, digno 1.º Sargento Cadete de Engenharia.

Dr. António Carneiro — *Foi transferido para o 6.º Juízo Criminal da Comarca de Lisboa, o nosso prezado conterrâneo e amigo Sr. Dr. António Carneiro, Ilustre Juiz da 8.ª Vara da mesma Comarca.*

A S. Ex.ª os nossos cumprimentos.

— Estiveram entre nós os nossos prezados amigos srs. P.e Francisco de Melo, ilustre Abade de S. Pedro de Raimonda, que nos deu o prazer dos seus cumprimentos, e António José de Oliveira, distinto professor primário em Braga.

Nascimentos

Teve a sua dèlivrance, *dando à luz uma criança do sexo masculino, a espôsa do nosso prezado amigo sr. Domingos Mendes Fernandes. Parabéns.*

— Também teve a sua dèlivrance, *dando à luz uma criança do sexo feminino, a espôsa do também nosso prezado amigo e ilustre clínico sr. Dr. Carlos Saraiva. Os nossos parabéns.*

Doentes

Têm passado ligeiramente incomodados o nosso prezado amigo e importante industrial sr. Alberto Pimenta Machado, e seu filho o sr. António Alberto Pimenta Machado Fernandes. Desejamos-lhes breve e completo restabelecimento.

— Também tem passado ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo Sr. Manuel Soares Moreira.

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos: — *Dia 1, o Sr. Dr. Alvaro Carvalho; dia 6, o sr. Avelino da Silva Guimarãis; dia 7, o sr. Dr. João de Almeida; dia 6, a Sr.ª D. Deolinda Ribeiro Jorge.*

Apresentamos-lhes os nossos cumprimentos de felicitações.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

António Virgem dos Santos

Na próxima quarta-feira, dia 4, às 8 horas, será resada na Basilica de S. Pedro a missa do 30.º dia por alma do saüdoso comerciante desta praça, sr. António Virgem dos Santos.

Domingos Monteiro

Na sua residência, à rna Dr. Bento Cardoso, finou-se, na quarta-feira, contando 53 anos de idade, o sr. Domingos Monteiro, que há mais de 20 anos vinha exercendo, com muita proficiência e zêlo, o lugar de funcionário dos Correios, revelando-se sempre um empregado activo e honesto. A sua morte por inesperada foi muito sentida e o seu funeral realizado na quinta-feira no templo de S. Sebastião, constituiu uma significativa manifestação de pesar a que se associaram o ilustre Chefe e pessoal dos Correios e Telégrafos, Legião Portuguesa e muitas pessoas das relações do extinto. De manhã, e naquêle templo, foi celebrada a missa de corpo presente e, às 3 horas da tarde, realizou-se o funeral, tendo-se encorporado no préstito fúnebre muitas pessoas.

Presidiu aos responsos o rev António Costa, tendo as internadas do Asilo de Santa Estefânia cantado o *Libera-me.*

A chave do ataude foi entregue ao sr. Julião Carneiro da Silva, digno Chefe dos Correios.

O caixão estava coberto pela bandeira da Legião Portuguesa e rodeado de muitos bouquets de flores naturais e artificiais com sentidas dedicatórias.

O cadáver foi trasladado para o Cemitério Municipal.

A tôda a família enlutada apresentamos condolências.

Câmara Municipal

Sessão de 30 — Aprovou o orçamento para a receita e despesa da Câmara, para o próximo ano de 1939; contratar para serviço de procuradoria da Câmara o solicitador sr. Augusto Joaquim da Silva; aprovar diversos projectos para obras nesta cidade, em diversas freguesias dêste concelho, pedindo para a realização das mesmas a comparticipação do Estado; aprovar a tarifa camarária dos géneros e cereais, para o corrente ano.

— Em sessão de 23 foi apresentada pelo sr. Presidente, e aprovada por unanimidade, a seguinte proposta:

«Tendo o Major Lucínio Prêza deixado de exercer o cargo de Governador Civil do Distrito de Braga, e, sendo-lhe o concelho de Guimarãis — como de resto todo o Distrito devedor de muitos reconhecimento e gratidão pela forma como sempre patrocinou e defendeu os justos interêsses do mesmo concelho, proponho que a Câmara tome a deliberação de manifestar a Sua Ex.ª o seu pezar por vê-lo afastado de um cargo onde demonstrou as mais brilhantes qualidades, e onde abnegadamente serviu a situação do País.

Proponho ainda que a Sua Ex.ª se dê conhecimento desta deliberação.

—Previnem-se os interessados que tenham contas a receber da Câmara devidamente aprovadas de que podem recebê-las até ao dia 5 de Janeiro próximo.

SAPATOS PARA HOMEM

55$00

com garantia de fabricação

só na

SAPATARIA LUSO

Frio! Frio!

O melhor sortido de agasalhos em PULOVERS, BLUSAS e CASACOS (última moda) MALHAS interiores em lã e algodão, LUVAS, POLAINITOS. Meias de LÃ, SEDA e ALGODÃO (sortido formidável) para homem, senhora e creança. Só o da

Camisaria Martins

(190) **a Casa das Meias.**

CASA EM COVAS

Arrenda-se a Vila Adélia, junto à estrada.

Informa o snr. Casimiro Martins Fernandes, no Toural. (211)

Mantendo direitos...

A pôça de Fervenças

Vem de longe, de sempre, esta maldita praga dos postergadores de direitos públicos — sagrados direitos a que o Tempo deu, pela posse, valor pleno.

Em Fermentões, à margem do caminho que atravessa a quinta de Fervenças, há uma pôça que é, de longos anos, lavadouro público servindo os moradores de: Conceição-de-Cima, Conceição-de-Baixo e Silveira.

O seu actual proprietário, no interesseiro intuito de canalizar tôda a água para um tanque que perto de casa mandou construír, mantém a dita pôça sempre aberta não deixando juntar água, forçando assim os que dela se serviam para lavar roupas a recorrer a um *charco* onde, devido ao prolongado estagnamento de águas, as roupas adquirem infecto cheiro, com prejuízo da saúde.

Em nome de algumas centenas de pessoas, aqui pedimos à Ex.ma Comissão Administrativa da Câmara (que deferiu já a 1.ª petição dos ditos moradores) obrigue, duma vez para sempre, o Sr. António Francisco a respeitar os antigos direitos dos vizinhos habitantes.

CINEMAS

Teatro Martins Sarmento

Hoje, de tarde e à noite, exibe-se o filme "*Rapazes da Marinha*„ interpretado por grandes artistas.

Amanhã, à noite, exibe-se também o interessante filme "*Três Camaradas*„ com bom desempenho e optima interpretação.

Cine Gil Vicente

Hoje exibem-se nesta casa, de tarde e à noite, os interessantes filmes "*Tarakanova*„ e "*Um Homem do Texas*„ com interpretação primorosa.

Misericórdia de Guimarãis

Movimento hospitalar no mês de Novembro de 1938

Hospital Geral de Santo António

Consultas no Banco, 231.
Receitas abonadas a doentes externos, 165.
Parturientes recolhidas, 13.
Crianças nascidas, 13, sendo 10 do sexo masculino e 3 do sexo feminino.
Doentes existentes no último dia do mês de Outubro, 75.
Doentes entrados durante o mês de Novembro, 137.
Doentes saídos:
Curados, 85.
Melhorados, 19.
No mesmo estado, 6.
Falecidos, 5.
Ficaram existindo no último dia do mês de Novembro, 97.
Banhos dados no balneário, 74.
Operações de grande e pequena cirurgia, 55.
Transfusões de sangue, 0.
Curativos feitos no Banco, 1.356.
Oftalmologia: — Operações, 0. Curativos, 285.
Injecções aplicadas, 1.740.
Sessões de Raios ultra-violetas, 360.
Sessões de Diatermia, 90.

Hospital António Francisco Guimarãis-Vizela

Consultas no Banco, 7.
Doentes existentes no último dia do mês de Outubro, 19.
Doentes entrados durante o mês de Novembro, 7.
Doentes saídos:
Curados, 2.
Melhorados, 3.
Falecidos, 0.
Ficaram existindo no último dia do mês de Novembro, 21.
Operações de pequena cirurgia, 2.
Curativos feitos no Banco, 153.
Injecções aplicadas, 41.

PROPRIEDADE

Vende-se uma propriedade com cinco moradas de casas, vinha e terrenos e árvores de fruto, na freguesia de Santa Maria de Infias, dêste concelho. Para informações em casa de João Baptista Machado, de S. Martinho do Conde, dêste concelho.

[214]

Bom emprêgo de capital

Vende-se um prédio de 2 andares, numa das artérias da Cidade, dando o juro de 13% ao ano. Falar na Redacção dêste jornal, onde se dão esclarecimentos.

QUINTA DO RIO

Na freguesia de S. Torcato, vendo-se.

Quem pretender dirija-se à Casa Roberto, Suc.es. (202)

50$00

(204

É o prêço porque a SAPATARIA LUSO vende sapatos de meio salto em camurça e chevreaux para senhora.

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarãis»

O NOTÍCIAS DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por *Lusbel*

Dicionários adoptados nesta Secção: — Silva Bastos, Torrinha, Moreno, Ligorne, Povo, Fonseca e Roquete (2 v.) e Sinónimos de Bandeira.

Resultados do n.º 2-2.ª Série

PRODUTORES:

Quadro de distinção

Siulno (19 votos)

Outras votações: Olegna, 9 votos; Rotie, 6 v.; Psole, 4 v.; Délia e Pacatão, 3 v.; Doralvas, José do Canto e Quico, 1 v.

DECIFRADORES:

Quadro de Honra
(Pontos a decifrar: 15)

Délia, Morenita, A'dê, Agnus Matutus, A. L. C., Alvarinto. Arminho, Biscaro, Caligula, Conde, Copofónico, Da Lixa, Demo, Diadema, D. Zé Franuli, Doralvas, Dropê, Erbelo, Fidélio, José do Canto, Mata-tudo, Olegna, Oteblo, Pacatão, Paul Muni, P. de Inkin, Pescarias, Psole, Quico, Quim Mosquito, Reirobi, Rei Texai, Rei Viola, Romeu, Rotie, Sabrigaita, Satan, Siulno, Tinobe, X-8, X-9 e Zé Faria.

Totalistas.

Quadro de Mérito

Palmira Ferreira, Alvarinho, Eusapesca, M. A. P. M. e Mora-Rei, 14; Rei do Orco, 13.

Soluções

1 — cavaleta; 2 — acompanhamento; 3 — enganada; 4 — misérias; 5 — dominador; 6 — sambarcos; 7 — mofinos; 8 — anoto; 9 — maldito; 10 — capitão-catão; 11 — pretexto-preto; 12 — parada-pada; 13 — corteja-corja; 14 — fanado-fado; 15 — nocivo-novo.

Explicação do enigma: procura = *cata*; rodeando o *vale* = **Cavaleta.**

2.ª Série Charadismo N.º 5

Charada em verso

1) (A ti...)

Para quê tanto sofrer? — 1
Por que sofrerás assim?
Como podes padecer — 1
'Stando tu ao pé de mim?

Vê as agruras da vida — 1
E as máguas que ela contém!...
Meu amor, minha querida:
Sofres tu? Sofro também!

Guimarãis. *Satan* (T. D.).

Logogrifo

2) (Com simpatia, às «Minhotas»)

Mulheres de àlém do Douro
Eu vos *alcunho* sòmente:—3-4-2-8-1-10
Sois o valioso *presente* — 1-2-9-10
De ontem, de hoje e do vindouro.

Em vós, tudo é cheio de graça:
O lenço, a saia, os *tamancos*...-8-5-6-7-8
Passam anos e derrancos
Sôbre vós, mas sem desgraça.

Mulheres de Portugal,
Calem bem no vosso fundo:
O Minho é *pequeno mundo*,
Mas não tem na orbe igual!

Lisboa. *Rotie* (T. E. e G. X.).

Sincopadas

3) Estava em jardim alegre
E perfumado, falando
Com Eva, papá Adão,
Quando há uma discussão;
Desordens iam-se dando
Algazarra não faltou, — 3
E Êle aproveitando a acção
Seio da mulher beijou. — 2

Lisboa. *Paul Muni* (T. E.).

A prémio

4) Foi a trabalhar com o *enxadão* que ganhei muito *dinheiro*. — 3-2.

Polvoreira. *Reirobi* (L. A. C.).

Nota: — O autor oferece o «Almanaque Bertrand» para 1939, para sortear entre os decifradores desta sua charada.

5) Nero, filho do meu sucessor Claudio, era *mau* por ser *grande* e poderoso. — 3-2.

Guimarãis. *Caligula.*

6) Homem *governado* não precisa ser «*mandado*». — 3-2

Pôrto. *Diadema* (L. A. C. e A. C. I.).

7) Naquele *asilo* há uma só *pessoa*. — 3-2

Pevidém. *Esfinge.*

(A' incógnita «Délia»)

8) Agradeço com *satisfação* a sua resposta, mas enfim... *tenho* que me conformar! — 3-2

Guimarãis. *Oteblo.*

9) Pessoa *estúpida* excita a *cólera*. — 3-2

Biscaia. *Quim Mosquito.*

10) Felizes os que passam o *Natal* no *íntimo* da família. — 3-2

Guimarãis. *P. de Inkin.*

11) *Homem acanhado* não *assiste* a festas. — 3-2

Pôrto. *Tinobe* (A. C. I.).

Biformes

12) A *tendência* para a mentira, é o démo que a *inspira*. — 4

Pôrto. *Alvarinto* (F. L.).

13) O *rebate* falso, *excita*. — 4

Pôrto. *Julieta* (L. A. C.).

(A' memória do inditoso confrade «M. Maudslay»)

14) A *morte*: eis o *destino* de todos nós! — 2

Lisboa. *Pescarias* (T. E. e «G. X»).

Mefistofélicas

15) Quando Deus quer, há *chuva* em *excesso*, mesmo com *vento do norte*. — (2-2) 3

Pôrto. *A. L. C.*

16) A triste *augurio habituado*, à má sina *destinado*. — (2-2) 3

Pôrto. *Fidélio* (A. C. I.).

Novíssimas

(A' Délia, retribuindo)

17) O céu *é* também «*a*» eterna felicidade do justo que *morre*. — 2-1

Guimarãis. *Arminho.*

18) *Coração* de mãi! Germem *verdadeiro* do amor *puro*. — 1-2

Pôrto. *Conde* (A. C. I.).

(Agradecendo e retribuindo à confrade «Délia»)

19) A *bebedeira*, *até* faz o homem *rude*. — 2-1

Albarraque. *Morenita.*

20) Usurário! Féra humana que *reduz à miséria* sem *piedade*, quem vive *aflígido por trabalho*. — 3-1

Pôrto. *Romeu* (L. A. C. e A. C. I.).

Correio da Secção

SIULNO: — Com a saída do número extraordinário, ficou tudo esclarecido. Não seria possível substituír o 7.º verso do seu enigma? E' êste um género interessante, mas muito difícil, principalmente para os novos. Saúdações.

FIDÉLIO: — Muito obrigado pela oferta dos livros. Dentro de cada pode meter o trabalho que lhe disser respeito. Cumprimentos.

DA LIXA: — Cá registamos a sua assinatura. Agradeço os seus cumprimentos, que retribuo.

Boas-Festas

ALVARINTO, ALGUÉM, JOFRALO, PAUL MUNI, SIULNO, OLEGNA, CAÇADOR, ROMEU, ALIANÇA CHARADÍSTICA DA INVICTA (Pôrto) e GRUPO CHARADÍSTICO «OS ALEGRES» (Lisboa), enviaram-nos telegramas, postais e cartões com votos de Boas-Festas, gentileza que agradecemos.

Lusbel.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

DEFENDA-SE DO FRIO!...

Onde êle ataca mais e se torna mais desagradável é na cama...

Combatê-lo antes de êle fazer das suas é o que se impõe sem delongas...

Combata-o usando um luxuoso e confortável **Edredon** da acreditada marca

"Kapell"

Um **Edredon** substitue com vantagem 2 ou 3 cobertores.

EM STOCK MAIS DE 200 EDREDONS.

ARMAZÉNS DA CAPELA

SUCURSAL D'A POMPADOUR

70, R. das Carmelitas, 76 - PORTO - Telefone n.º 1885

do concelho

S. Romão de Mesão-Frio, 16
(Retardado)

Na passada terça-feira, dia 13, completou mais um aniversário natalício o nosso dedicado amigo sr. António Lopes, da Cruz d'Agola.

Desejamos-lhe muitas felicidades.

— Ontem, realizou-se na igreja paroquial desta freguesia o enlace matrimonial do nosso amigo António Miranda, de Belos Ares, com a sr.ª Adelaide Novais Fraga, do lugar da Bôa-Vista. Aos noivos, que são dotados de bons sentimentos cristãos, desejamos-lhe mil venturas.

— Ao ler o jornal de Domingo, causou-me admiração bastante o modo como foi recebida a minha correspondência, publicada nas colunas dêste em 27 de Novembro passado, e referente ao imposto de trabalho, na vizinha freguesia de Atãis. Estudando promenorizadamente a crítica do correspondente daquela freguesia de Atãis, bem como o seu modo de ver e apreciar, não me é lícito quedar-me em silêncio, pois que assim, seria dar provas de cobardia.

No entanto, e antes de principiar o assunto, eu devo dizer, que embora nesta altura me seja desconhecido o autor da correspondência de Atãis, êsse senhor só demonstra não possuír educação; porque uma vez que êsse senhor se encontrou com possibilidades e bases seguras para defender a Junta (pois foi sôbre o modo como o imposto de trabalho tem sido encarado por ela e outras idênticas e não ao brio dêsse povo que eu me referi), nunca por nunca tinha o atrevido direito de chamar a um assunto comum a minha humilde mas honrada família...; tanto ela como eu ganhamos o pão honradamente. Mas êsse sr., que doutra forma não encontrou apoio, vem vingar-se numa humilde sardinheira e num honrado ferreiro, que a convite do povo de Atãis e não daquela Junta, exercia o cargo de coveiro quando havia mortos: e por serem meus irmãos, eis que entram no assunto. «O trabalho e a honra dignificam o homem»! E' triste o querer-se fazer defensor de interesses comuns, lançando nos jornais a vida particular dum homem! E' triste querer-se ser bairrista, tornando-se indecente! ¿Que têm meus irmãos com as minhas acções? São êles a táboa de salvação necessária à sua defesa? Pobre defesa que em mim terá um acusador enérgico. Quando tomei o compromisso de defender o brio e a honra do bom povo de Mesão-Frio, tomei-o para defender também as suas justas reclamações: e eu para defender os seus interesses, não me apossei da vida e situação do snr. Presidente da Junta de Atãis, nem dos seus respectivos membros, mas sim da igualdade de circunstâncias que apontei, para bem frisar a nossa justa reclamação, com o procedimento muito diferente das diversas Juntas. Mas como o sr. Presidente da Junta de Atãis é proprietário, e por isso mais do que eu, «um modesto e simples empregado de fábrica», eis que aparece um snr. correspondente que, não achando bem que se falasse contra aquela Junta, se propôs em sua defesa. E então, rebatendo êle o meu modo de pensar, diz: «Atãis tem o direito que tem Mesão-Frio de ter estrada e electricidade: Atãis sabe-se governar e não precisa de tutores: Atãis apresenta as suas contas à Ex.ma Câmara e não a mais ninguém: etc.»

E agora pergunto eu: porque é que sendo assim, Atãis ainda não conseguiu do govêrno, um código só para êles? porque é que mandam os rapazes à escola de Mesão-Frio e nem sequer um posto de ensino ainda conseguiram? Porque é que devendo nós a construção da escola, êsses srs. ainda não fizeram uma? Mas está bem; deixemos isto e vamos a outro assunto porque se me prolongo muito é preciso o jornal só para mim. Referindo-se o correspondente ao assalto dos animais ao cemitério, diz que eu só devera culpar o meu irmão que é o coveiro. Ora sendo assim pergunto: — Quando é que a Junta o contratou para ser guarda e sentinela do cemitério? A quem compete vigiar e evitar que os animais lá vão estando êle sem vedação alguma? Parece que sôbre êste ponto de vista nada disse que se aproveitasse. Diz também, ao referir-se à minha frase «quem vai como nós amiúdadas vezes» nós quem!... Sim nós: eu e o povo desta freguesia que amiúdadas vezes aí vai; eu que desde há muito o conheço e sempre na mesma; eu e não meus irmãos que ao assunto os não chamei. «Bem aventurados são os pobres de espírito porque dêles será o Reino dos Céus»!! Agora quanto à dívida desta freguesia, cumpre-me informá-lo de que a escola é obra dum esfôrço nosso e muito nosso. A escola de Belos-Ares surgiu, mercê do incansável esfôrço do saúdoso A. Lopes Martins que com o auxílio do govêrno e uma generosa oferta de oito mil escudos de seu filho o Snr. Gaspar Martins, conseguiu a sua construção. De facto o terreno foi-nos concedido pelo sr. António J. Ribeiro, da Casa do Telhado, cuja gentileza lhe devemos: mas Mesão-Frio e o seu povo não o esquecerá jàmais!...

Foi êsse o único que eu conheço como interessado pela nossa escola.

E quanto a lavradores, meia dúzia apenas se fizeram representar na condução de pedra para essa grande obra. E chama a isto, sr. correspondente, o maior auxílio ser prestado pelos lavradores de Atãis? E chama ao esclarecimento da verdade... ingratidão!!!

Pois meu caro amigo, eu sou da tal massa, «antes quebrar que torcer»!!!

E queira dizer o resto. — *C.*

Urgezes, 23.

Em face de uma vistoria que presenceamos na passada segunda-feira, feita ao Tanque Municipal, parece-nos que o caso da falta de água, agora sempre vai ser resolvido.

Oxalá não nos enganemos na suposição; porque desprezar um caso dêstes, é cultivar um desmazêlo que se não justifica e, bem assim, contribuír para a inquietação constante da população.

Por mal de nossos pecados, para transtorno e sacrifícios já tem chegado, razão porque aguardamos que a reparação necessária, se faça logo que possível seja.

— Estamos informados de que a pavimentação desta estrada a paralelipípedos, principiará nos meados do mez de Janeiro, p. f. Bom é, e bom seria também que a continuação das obras no Bairro Operário se fizesse, por qne o ataque da paralisia de que êle vem sendo vítima, já vai sendo bastante duradoiro; e o seu aspecto, neste estado, aos olhos de quem o admira, é triste, como triste é ver ali algumas dezenas de casas fechadas, que já bem podíam servir muitas famílias que tam mal instaladas por aí se encontram.

Alex.

S. Torcto, 23

Com 73 anos de idade, faleceu na passada segunda-feira, na sua residência, no lugar do Mosteiro, o Snr. Manuel da Silva, viúvo de Joana Leite Lamosa, natural de Caldelas, pai das Sr.as Elisa, Joaquina, Emília, Maria, Conceição e Madalena da Silva Leite e do também nosso amigo snr. António da Silva Leite, negociante local.

A sua morte foi muito sentida, mormente pelas pessoas das suas relações. O seu funeral realizou-se na manhã de quarta-feira, sendo o seu cadáver acompanhado por inúmeros amigos, desde a sua residência até ao cemitério paroquial onde ficou sepultado para todo o sempre. A tôda a família enlutada e dum modo especial ao nosso prezado amigo, os nossos mais sentidos pêzames. — *C.*

Pevidém, 30

Quando passava no lugar do Pevidém o sr. Joaquim de Freitas Roriz, casado, funileiro, do lugar do Agouro, desta freguesia, saiu-lhe ao encontro Agostinho Valete, do lugar da Várzea, da mesma freguesia, e sem qualquer motivo vibrou-lhe algumas facadas, tendo êste de recolher ao Hospital onde recebeu o curativo, regressando depois a sua casa.

— Fêz anos no dia 27 o sr. António Rodrigues, filho do nosso amigo sr. João Rodrigues, de S. Cristóvão de Selho.

— De visita a seu irmão sr. José Silvério Ferreira Pinto, esteve entre nós o sr. Alberto Silvério Ferreira, e também de visita ao mesmo sr. esteve a sr.ª D. Lucinda Fernandes Rodmaker.

— Em gôso das férias de Natal encontra-se entre nós o sr. Albano de Abreu, inteligente estudante do Seminário de Braga, filho do nosso amigo sr. João de Abreu, estimado comerciante desta localidade.

— Também com o mesmo fim encontram-se nesta localidade os académicos Alberto Alexandre e José, filhos do importante industrial sr. José Rodrigues Guimarãis.

— Afim-de passar as festas de Natal encontra-se nesta localidade a sr.ª D. Rosa de Castro, mãi extremosa do nosso amigo sr. Adriano de Castro.

C.

Chegou o Inverno

Calçado de agasalho. Enorme sortido. Sapatos de feltro em sola com salto a 17$00. Ditos de bom agasalho a 7$50. Galochas, botas altas para homem, senhora e criança.

Vejam o nosso sortido.

Vejam os nossos preços.

Só na **Camisaria Martins**
(189) **A CASA DAS MEIAS**

Exumações DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranense)

S. TORCATO

O majestoso mosteiro desta invocação não é muito longe desta cidade, légua e meia, talvez.

A estrada que lá conduz apresenta encantos de formosíssimas paisagens.

O primeiro mosteiro hoje conhecido pela denominação de *velho* teve a sua origem no ano de 887, sendo fundado por D. Rodrigo Froyaz, o bom. Pertencia então à ordem beneditina, mas, caindo em ruinas, D. Mafalda o reconstruiu passando-o para a de Santo Agostinho, no século XII.

D. Fernando, rei de Castela consignou êste mosteiro ao de Mumadona, em Guimarãis, dando-lhe a sua jurisdição bem como a de outras terras no tempo do Prior do dito mosteiro de S. Torcato, rev. Pedro Nunes.

Em 1352 D. Deniz tomou sob a sua protecção o prior, os frades e todo o mosteiro de S. Torcato bem como os herdamentos e possessões do mesmo.

Já D. Afonso Henriques com a sua mulher D. Mafalda, em 1137, o havia dado aos cónegos regulares de Santo Agostinho os quais eram seculares, passando no tempo do rev. João de Barros, que também era, àlém de Prior de S. Torcato, cónego da Sé de Braga, com autorização do Papa Xisto IV, em 1474, para o domínio da Colegiada, à qual foi anexado e incorporado no Cabido que por isso ficou também sendo o seu padroeiro e do couto.

O rei deu o seu beneplácito a esta autorização pontifícia por um alvará assinado, em Santarém, por Rui Gomes de Alvarenga, doutor em leis, cavaleiro-conde palatino, do conselho de el-rei e seu chanceler-mor. O arcebispo de Braga D. Lourenço anexou a êste mosteiro as igrejas de S. Romão e S. Cosmado cujas rendas destinou para a sustentação dos frades. O Prior dêste mosteiro era o juiz dos coutos, por nomeação do nosso D. Afonso III, o *bolonhez*, feita por uma carta escrita em Guimarãis (?) em 12 de Julho, 1262.

Ali, naquela localidade ou povoação que tem o mesmo nome do mosteiro, se construiu com início em 1825 um majestoso templo-monumento de granito no qual se admiram arrojadas concepções arquitectónicas de um bem acentuado estilo nacional e de um labor primoroso. Dentro de uma ampla vitrine se ostenta e venera o corpo incorrupto do orago, vestido de Pontifical, mitra e báculo, vítima em 719 da sanha dos serracenos, que foi bispo de Dume (subúrbios de Braga), e do Pôrto, arcipreste de Toledo e mais tarde arcebispo de Braga que foi ferido pelos infiéis em uma das batalhas renhidas contra êles travada pelos nossos ousados antepassados para propagação da Fé Cristã.

O seu corpo foi encontrado abandonado entre um matagal ou silvedo denso e tendo-se, dentro em breve, iniciado a construção do seu templo ou santuário, que é uma maravilha de arte, como dissemos em imponência e grandeza. O corpo do seu orago passou para ali definitivamente em 1852.

O primitivo risco desta construção foi alterado em 1858.

Eis o que nos diz um documento — que perlustramos — no qual encontramos a licença que os oficiais da Mesa e juiz da Irmandade de S. Torcato, freguesia do mesmo nome, couto, termo e comarca de Guimarãis, pediram a 22 de Novembro de 1824 à Mesa do Desembargo do Paço para fazerem um amplo templo no chamado sitio dos *Penedos de Maria* do monte de Maio e aí poderem adquirir terreno conveniente, doado ou vendido. O provedor da comarca, ouvindo a respectiva câmara, nobreza e povo, foi de parecer que se fizesse justiça à petição e quanto ao terreno que se pretendia para a edificação se procedesse de harmonia com a demarcação do auto de vistoria feita e que eram os suplicantes dignos da atenção de S. Majestade, dispensados na lei da amortização para adjudicação do terreno necessário para a edificação que pretendiam fazer, ficando proibido de outras novas e futuras aquisições. Sua Majestade houve por bem dispensá-los da lei da amortização sòmente para a referida adjudicação do terreno indispensável para a construção do templo. Foi esta licença dada no palácio da Bemposta a 29 daqueles acima mencionado mês e ano (Liv. 271 fls. 68 v.º do Ministério do Reino, arquivado na Tôrre do Tombo). O povo dedica muita veneração a S. Torcato. A prova está nas duas romarias que em sua honra ali se realizam anualmente. Uma em Maio chamada a *pequena* e outra em Julho chamada a *grande*, ambas duma notável nomeada em todo o Portugal.

Ainda hoje são oferecidas a êste Santo muitas jóias e outras dádivas de grande preço e valor.

Houve em tempos alguns prelados de Braga, entre êles o D. Frei Agostinho de Jesus [1] em 1597, que quiseram tranferir para a Sé daquela cidade o santo. Porém o povo, amotinando-se, não consentiu. O mesmo Cabido vimaranense também tentara trasladá-lo para a colegiada, fundando-se numa carta de D. Manuel I escrita em 28 de Fevereiro de 1501 em que lhe era dada autorização. Todavia o povo não deixou.

Tem êste santo uma confraria que remonta do ano de 1693 e que ocorre às despesas com a construção do novo templo, auxiliada com as numerosas esmolas dos fiéis que não só durante o ano em *caixas*, como nas duas festas, montam a muitos contos ou milhares de escudos.

Em 1637 e em 1805 esteve êste santo em exposição perante os fiéis. Da última vez assistiu ao acto o arcebispo de Braga D. Frei Caetano Brandão e algumas dignidades e cónegos da colegiada.

O local é ameno e pitoresco. Convida à doce fruição dos prazeres do espírito. Esta freguesia teve outrora uma talvez mundial fama principalmente pela sua predilecta indústria de ourivesaria, cujos artefactos trabalhados em prata e finas filigranas de ouro constituiam preciosos tesouros em objectos de luxo e de riqueza.

A igreja do primitivo convento era Séde duma freguesia, como hoje ainda é, que nos inícios da monarquia tinha o nome de Santa Maria e S. Torcato, tendo esta última denominação sido dada sómente depois que o corpo do Santo foi encontrado.

Alguns restos artísticos, que ali se encontram, pertencem a um antigo edifício medieval.

A primitiva igreja do mosteiro tinha o altar-mor e dois laterais, o do lado do Evangelho apresentava a imagem de Jesus Cristo e o do lado da Epístola a de Nossa Senhora do Rosário, onde se encontrava uma tábua com a medida do pé da Virgem Nossa Senhora com uma legenda que dizia: *O Papa João XXII concedeo a todas as pessoas que beijarem a medida do pé Santissimo de N. Senhora 3 vezes e rezarem 3 Ave-Marias, indulgencia plenaria e remição de todos os pecados — Amen.*

Por baixo estava a configuração da planta do referido pé.

Repetimos: Todos os anos são dedicadas a êste santo duas festividades chamadas a *pequena* e a *grande*, em que lhe são oferecidas muitas esmolas tanto em dinheiro como em géneros, mas principalmente em gado vacum (toiros e bezerros).

Os seus donos oferecem-nos ao santo e depois compram-nos e por fim o santo recebe a importância da compra que constitue a esmola oferecida. Esta compra é feita pelo preço que o gado obtiver no mercado, em geral, e não por preço especial feito aos devotos oferentes.

A festividade grande é realizada em Julho, no primeiro domingo, e reveste grande pompa e solenidade com um escolhido fogo de artifício prêso e do ar dos mais afamados pirotécnicos e à ncite iluminação esplendorosa e linda.

A feira anual nesta ocasião realizada é concorridíssima com distribuição de prémios aos melhores exemplares de gado bovino.

Contam-se por milhares os forasteiros que visitam S. Torcato durante o ano atraidos não só pela amenidade do seu clima como pelas suas belezas naturais e importantes indústrias e valiosas transacções.

P.e Alberto Gonçalves.

(1) Era eremita de Santo Agostinho e chamava-se no século Pedro de Castro.